

## ÍISIS E SEU CULTO ATRAVÉS DO MEDITERRÂNEO

*Marina Rothenbach<sup>49</sup>*

A deusa Ísis, tornou-se uma das principais divindades em torno do Mediterrâneo, detentora de múltiplos epítetos atraiu diversos seguidores, principalmente os de caráter feminino, devido a suas características de fertilidade, amabilidade e determinação. Segundo Kraemer (1992, p. 22), as mulheres da Grécia Antiga adoravam tanto divindades masculinas, quanto femininas, porém, há forte tendência na popularidade de deusas “com a exceção de ofertas para Asclépio, o deus da cura, a maioria das oferendas registradas de mulheres atenienses, foi feita para divindades femininas”, por representarem elementos como: casamento, fertilidade (agrária e humana) entre outras características.

A identificação das mulheres atenienses como sacerdotisas de Ísis não era algo difícil, devido suas qualidades e representações. Tal como podemos visualizar na seguinte afirmação de Sharon Kelly Heyob (1975, p.48): “Ísis foi retratada no mito como uma esposa modelo e mãe com emoções muito humanas. Era natural que as mulheres se identificassem com ela. [...] Em Ísis as mulheres encontraram uma deusa que era, a sua própria, essência”

Ao trazer em pauta a essência feminina, a autora integra um amplo debate historiográfico acerca do feminino na antiguidade, e as especificidades de ser mulher em Atenas. As virtudes das mulheres atenienses estavam diretamente relacionadas à manutenção dos bons costumes, preservação do lar, entre outras especificidades que não se limitam pois estamos lidando com uma fluidez social diversa<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> Mestrado pelo PPGHC/UFRJ; Pesquisadora do NEA/UERJ.

<sup>50</sup> Não podemos limitar a mulher ateniense à atribuições de mulher do lar, ou de mantenedora do lar,

Atrelando a características das devotas ao culto isiaco em referência a sua proporcional expansão, torna-se relevante evidenciar na historiografia o aumento de interesse por assuntos relativos a questões religiosas e de relações sociais. Desse modo identifica-se que as características da deusa e sua proeminência através da antiguidade, em conjunto com a intensificação dos debates historiográficos nas primeiras décadas do século XX, concernentes a sistemas religiosos e suas relações, possibilitaram o desenvolvimento de constantes e instigantes questionamentos sobre a inserção de novos deuses em sociedades antigas e em relação à nossa temática, a expansão do culto isiaco.

Françoise Dunand (2008, p. 129-131) aponta que o culto a Ísis, como qualquer outro culto que ganha a devida proporção, conseguiu atingir seus devotos, possivelmente a partir das necessidades do receptor. A falta de uma divindade que pudesse suprir um déficit de proteção – caso a localidade ou a população estivesse em um período de guerras ou doenças – ou então uma divindade que venha a suprir/complementar a característica de outro deus já pertencente ao panteão local.

Após a inserção do culto no contexto social ateniense, destacamos outro ponto significativo, que consiste na manutenção do envolvimento dos devotos junto ao culto, o que propõe a permanência ativa da divindade em torno do *imaginário social*<sup>51</sup> de Atenas. Deste modo tornando necessária a divulgação dos feitos da divindade para persuadir e perpetuar a crença junto aos seus seguidores e possíveis novos adeptos ao culto. Segundo Françoise Dunand (2008, p. 131), essa divulgação é

---

pois há variado suporte historiográfico que identifica diversos “tipos” de mulher, ou seja, diversos subgrupos sociais que se destacam por características diferentes. Contudo, de um modo geral, os atributos femininos relativos à fertilidade, manutenção do lar e da sociedade e etc, continuam a deter proeminência nesse segmento.

<sup>51</sup> Segundo Bronislaw Backzko (1985, p. 299), o *imaginário social*, ao compreender múltiplas funções, proporciona a análise de mecanismos e estruturas da vida social, de acordo com as representações e símbolos de práticas coletivas.

feita a partir de histórias que destacam as “aretai”.

Quanto ao termo ἀρετή, de um modo geral, compreende-se como: virtude, a função a que se destina, excelência dos deuses, ou seja, poderes ou benefícios, após *perpetrados ou expostos*. Tal como afirma Aristóteles em *Ética a Nicomaco* (Eth. Nic. 1.8 1099<sup>a</sup> 32-33) quando trata da efetivação de atos nobres e a necessidade de equipamentos apropriados, ou seja, características necessárias para se cumprir a função a que se destina. O que reafirma a compreensão de que há diferentes tipos de ἀρετή, pois a aplicação do termo à diferentes grupos ou segmentos sociais, implica em uma diversificação da virtude ou qualidade a ser desenvolvida/ atribuída. (FILKELBERG, Margalit. 2002: p35)

Levando em conta a aretologia atribuída à Ísis podemos inferir que a difusão de seu culto ocorria através da apropriação e equiparação de características entre as demais divindades, como também através da “técnica de persuasão” (DUNAND, 2008, p. 131), em que as benfeitorias da divindade em foco seriam divulgadas e assim arrecadaria novos devotos.

Sob a perspectiva de H. S. Versnel (1990, p. 40) a expansão do culto a Ísis<sup>52</sup> e o seu sucesso tem seu início através do Mundo Mediterrâneo nos primórdios do período helenístico. O autor relaciona a expansão do seu culto a uma variedade de fatores, reforçado principalmente através do zelo missionário de suas sacerdotisas, que segundo o autor, tenderiam a continuar a tradição egípcia de sucessão hereditária.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup>A nosso ver, é possível dizer culto à Ísis, em detrimento de dizermos culto de Ísis, porque o adepto ao culto posiciona-se em prol da divindade, a sua construção mitológica ou religiosa, apropria-se e usufrui da sua escolha. Desta forma, em alguns pontos do artigo tratamos de culto à Ísis para que o sentido desejado de apropriação e ofertado adpto não se perca. Quando tratamos culto de Ísis, aplica-se conforme a vertente e uso do autor citado.

<sup>53</sup> Sabemos que a hereditariedade sacerdotal egípcia tinha sua predominância masculina, mas existem discussões entre egiptólogos que questionam a existência também de sacerdotisas mulheres.

Ainda segundo Versnel, essa questão pode ser atrelada diretamente à natureza da deusa, contando com suas principais preocupações, quanto à procriação, ou seja, possibilidade de proporcionar o nascimento, tornando essa uma das motivações de seu grande sucesso. Versnel (1990, idem) afirma que até com as questões mais práticas a deusa mantém-se próxima, interferindo através de suas sacerdotisas ou devotos, e concebendo, também, a ideia de fundação de templos e santuários.

Colocados em diálogo, Versnel concorda com Françoise Dunand quando trata das *areatologias* como uma forma de propaganda do culto, promovida por sacerdotes e adoradores, uma divulgação dos feitos da divindade através dos hinos em pedra e panegíricos<sup>54</sup> (VERSNEL,1990, p. 41).

De acordo com Dunand, no que consiste à inserção do culto tanto na Grécia, quanto em Roma, o culto à Ísis, como o de outros deuses egípcios, funciona inicialmente na esfera privada de associações religiosas, sob a margem dos sistemas religiosos dominantes antes de ser reconhecido oficialmente e integrado (DUNAND,2008, p. 50). Inferimos que tal debate reforça a existência do culto em Atenas através de sua recepção em ambientes privados, nas casas de comerciantes emergentes. As famílias envolvidas com as atividades comerciais e mercantis viam no culto à Ísis a possibilidade de inserção de suas esposas e filhas como sacerdotisas, pois além de exercerem a manutenção do culto, conseguiriam benefícios, como prosperidade e sucesso nas relações estabelecidas e no comércio.

Retomando o pensamento sobre o campo das religiosidades como área de desenvolvimento de pesquisa histórica, percebemos que, ao longo do século XIX e início do XX, a temática em questão se torna elemento desfragmentador de

---

<sup>54</sup> Discursos em favor de alguém.

pensamentos e promove novas formulações historiográficas diante questionamentos referentes à *doutrinas, estruturas eclesiásticas, crenças e hibridismos culturais* (CARDOSO; VAINFAS,1997, p. 329-343).

Levando em consideração todos os novos questionamentos propostos pela historiografia, tais como questões sobre relações entre divindades, politeísmos e a possibilidade de *comparar incomparáveis*, como propões Marcel Detienne (2004), baseamos-nos na fala de Heródoto (II-CLXXI) sobre o culto a Ísis aproximado aos mistérios, destacamos a observação de Venit (2010, p. 89-90) que destaca que os cultos de mistérios egípcios diferem dos cultos de mistérios gregos. Afirmando que na Grécia, a *myesis* (iniciação) era uma escolha pessoal, voluntária e “secreta”, já nos cultos tradicionais egípcios as divindades só poderiam ser encontradas em festivais, em preces e após a morte.

Entendemos os mistérios a partir da fala de Muriel (1990, p. 115) como “uma passagem do mundo profano para o sagrado, estabelecendo uma comunicação direta e definitiva entre indivíduo e divindade”. Venit (2010, p. 351) diz que o culto de Ísis, como divindade estrangeira teria tomado grande proporção apenas no decorrer do período helenístico, abrindo precedente para expandirmos nosso olhar para toda a região de Atenas, trazendo à tona a relação entre o culto isíaco aos cultos de mistério, seus rituais e procedimentos. Possibilitando a compreensão de que tanto cultos ditos comuns, quanto os mistérios, coabitavam no *imaginário social* ateniense.

Walter Burkert (1991, p. 62) ressalta que o principal problema quanto aos “mistérios de Ísis” se refere ao modo e ao local aos quais eram realizadas as iniciações, devido à escassez de documentação sobre a prática. Utilizando-se de exemplos relacionados a Roma, o autor ressalta que a iniciação nos cultos de mistérios poderia ser compreendida como uma etapa entre a condição de fiel no geral e a indicação e participação do corpo administrativo.

Para os gregos, de acordo com as aretologias relacionadas a Ísis, uma de suas funções quanto atividades civilizatórias, foi a fundação dos mistérios pelo mundo, fato que contribui para a nossa percepção quanto à influência da deusa sobre os gregos.

Um exemplo explícito, extraído da cultura material, quanto à iniciação dos devotos no culto a Ísis, é a “Aretologia de Ísis”,<sup>55</sup> localizada em Maroneia, datada do II século AEC, que mesmo sendo de temporalidade mais avançada ao nosso recorte, deixa evidente a prática ritual destinada a Ísis, e figura principalmente a existência de devotos iniciados em seus mistérios, pois levamos em conta que, a partir da inserção do culto em Atenas no final do V século AEC, há um aumento gradativo de sacerdotisas e devotos, tornando possível nos séculos subsequentes uma implementação mais aprofundada das atividades religiosas destinadas à Ísis, fundamentadas com o aumento de fontes históricas.

Quando tratamos das proximidades características de Ísis com demais divindades, podemos apontar as existentes entre Deméter/ Mitra<sup>56</sup>/ Ísis, divindades da Grécia, Ásia Menor e Egito, respectivamente, visto que as divindades citadas apresentam essência marcante relacionada à fertilidade e maternidade.

Esses atributos divinos nos direcionam, da estrutura mítica diretamente ao contexto social e a topografia da Grécia, visto que estamos tratando de um recorte do final do V século AEC e início do IV século AEC e um ambiente de predominância rochosa e impróprio de cultivo. Desse modo, divindades estrangeiras relacionadas ao comércio/ produção de cereais, e que apresentem atributos ligados à fertilidade, são inseridas no *imaginário social* grego de forma natural, e de certo modo indispensável.

---

<sup>55</sup> Uma das mais relevantes passagens do escrito, cita: “Ela, com Hermes, descobriu a escrita; e da redação deste artigo, algum, era sagrado para os iniciados (*mystai*), alguns foram publicamente disponíveis para todos. Ela instituiu a justiça, que cada um de nós pode saber como viver em igualdade de condições, como, por causa de nossa natureza, a morte nos faz iguais”.

<sup>56</sup> Divindade Persa, relacionada à sabedoria, à batalha e à luz solar.

Contribuindo com o levantamento referente às proximidades de Ísis com outras divindades gregas e os mistérios, os autores Placido (1981) e Walter Buerkert (1991) dialogam diante uma íntima relação entre Atená/ Ísis/ Elêusis.

Segundo Placido (1981:249) no I séc AEC, ocorrem algumas mudanças nas representações da deusa Ísis devido as necessidades “políticas, religiosas, morais e literárias”, passando por uma *Interpretatio Graeca*.<sup>57</sup> Em concordância com a fala de Placido, Rebeca Rubio (1999, p. 213) explana sobre as características atribuídas e as “mutações” necessárias na representação divina.

Segundo a autora, Ísis apresenta uma natureza multiforme, chamando de “oportunismo” sincrético, pois se apresenta capaz de absorver potencialidades e atributos pertencentes a qualquer outra divindade. Revelando um caráter celestial, solar, cósmico, infernal, mágico, oracular, salutífero, misterioso, Ísis e Osíris eram também protetores da navegação, disseminadores de fertilidade, etc. Sendo assim, Ísis apresenta-se como uma deusa *myrionymos*, “dos infinitos nomes”, polivalente e plural, o que permitia sua metamorfose, a partir das necessidades ou preferências dos devotos, possibilitando uma multiplicidade de atrativos para captação de novos seguidores.

Laurent Coulon (2010, p. 136) mostra um apontamento importante sobre os *Epicléses* (epítetos) que as divindades podem receber. O epíteto visava expressar aspectos precisos da área de adoração divina, como exemplo Ísis-Deméter, relacionada à fertilidade na agricultura, ou então Ísis-Lactante (maternidade). Esses epiclésis poderiam remeter-se a características topográficas, litúrgicas, utilitárias e até mesmo políticas. Conforme vemos na fala do autor, os epiclésis são “definidores fundamentais

---

<sup>57</sup>De acordo com Johnson (2013, p. 224), *Interpretatio Graeca* é o mesmo que a tentativa de construção da

visão Greco-centralizadora do mundo, ou seja, uma forma grega de interpretação do que não é grego.

de uma divindade para sua aprovação, adoção e sua exportação para os círculos helenizados”. Segundo o autor, a origem dos epítetos gregos atribuídos à Ísis é remetida a fundos faraônicos, mas não de forma sistemática e objetiva nos mitos egípcios, e sim como uma contribuição para consolidação de alguma adjudicação destinada à deusa, podendo sofrer, através de interferências externas, como circunstâncias políticas, modificando e desenvolvendo atribuições locais da deusa.

Diante das relações estabelecidas entre Ísis e outras divindades, Panayotis Pachis (2010, p.166) propõe que a transição entre o V e IV séc.AEC, fundamentação do período helenístico, estava atrelada a uma “conservação que convive intimamente com a tendência para a renovação”. Dessa forma, nos apropriamos de sua fala ao tratar das relações entre divindades orientais e as do panteão grego, sugerindo uma reformulação sociopolítica e cultural grega. O autor afirma sobre a possibilidade do “desenvolvimento de novos movimentos religiosos na Grécia, bem como em outras partes do oecumene<sup>58</sup>, paralela à religião tradicional”. A predominância dos novos cultos provém das divindades orientais, pois são particularmente atraentes e imponentes em comparação com a religião tradicional do mundo grego antigo. Tais divindades oferecem experiências especiais através “de seus ritos pródigos, suas provações ascéticas e seus rituais expiatórios complexos” (PACHIS,2010, p. 164).

Levando em conta o aumento de adeptos aos mais variados cultos que estão adentrando a *polis* dos atenienses, em congruência com os cultos já estabelecidos e disseminados, Rebeca Rubio (1999, p. 212) reflete diante do caráter da dimensão religiosa que os tantos santuários tomavam, atrelando-a ao crescimento econômico de cada um desses locais. De forma crítica, a autora pondera sobre até que ponto as ações do culto isíaco poderiam ser relacionadas à índole religiosa, visto que os elementos pertencentes aos santuários eram de extremo valor, simbólico e *financeiro*.

---

<sup>58</sup> *οἰκουμένη*, significa habitar/habitado/terra.



Segundo Rebeca Rubio (1999, p. 212), “a instrumentação da vontade divina em matéria econômica colocava à disposição dos santuários um bom número de contribuintes voluntários e individuais destacados entre os mais ricos até os mais pobres”. Sob essa perspectiva, os santuários e templos ultrapassavam a barreira do aspecto religioso e poderiam ser atribuídos ainda a um negócio “seguro e frutífero, isento de perdas”, visto que os seus devotos não abriam mão de participação e contribuição nos santuários, o que dialoga imediatamente com o caráter dependente entre devoto-deusa (ALVAR, 1999, p. 213) com atos de reciprocidade de ações.

Jaime Ezquerria Alvar (2000, p. 177-189) propõe uma interessante crítica, na qual ele questiona algumas características atribuídas a Ísis do período do Império Romano, visto que o autor trabalha diante da hipótese de que o culto à referida deusa representa um caráter de submissão, apesar de não refutar a ideia da “toda poderosa Ísis”, considerando a potência de suas características e qualidades, sugerindo apenas um novo olhar ao analisar a estrutura mítica que a envolve.

Neste caso, o autor traz à tona a submissão da mulher para com o homem, do cativo para com o liberto, entre divindades e entre sociedades. Ezquerria explica que o próprio mito o faz pensar assim, de forma que Ísis está sujeita a prover a família, buscando seu esposo e cuidando de seu filho, além de suas representações estarem refletindo uma tentativa de expor o fiel a uma submissão diante dela. Como exemplo, o autor usa a aparição de Ísis nos sonhos<sup>59</sup> de Lúcio, dizendo que “[...] só eu tenho atribuições para prolongar sua vida além dos limites fixados por seu destino” (Ap. Met. 11.6.7).<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Era comum a ocorrência de divindades se mostrarem em sonhos, pois conforme Burkert (1931, p. 13), “a intensidade do sentimento religioso envolvido nessa prática não deve ser subestimado. Há a experiência angustiante de sofrimento, a busca por alguma fuga ou ajuda, a decisão da fé; Não raramente, as inscrições votivas referem-se a uma intervenção sobrenatural em tomadas de decisões, em sonhos, visões ou ordem divina”.

<sup>60</sup> Cf. Apuleius of Madauros, *The Ísis-Book (Metamorphoses, Book XI)*, edit. J. Gwyn Griffiths

Não nos atemos à linha de pensamento de Alvar, no que diz respeito a relações de submissão, pois não seguimos o mesmo recorte, no entanto, consideramos interessante e importante incluí-lo em nosso levantamento historiográfico, visto que nosso objetivo é justamente perceber os diversos olhares que foram lançados diante do culto à Ísis, enquanto objeto de pesquisa e de análise.

Levando em conta os laços criados entre deusa/devoto, esses vínculos se tornariam “uma tendência natural a perpetuação de pedidos” (BURKERT, 1931, p.13), o que se atrela à disseminação de cultos, visto que os cultos de mistério possuem primariamente características de cunho individual, o que propõe as escolhas do sujeito e de forma complementar uma projeção de caráter coletivo, a partir de liames sociais.

Portanto, toda atitude individual está automaticamente correlacionada à coletividade. O “todo” é composto por vários elementos individuais, conforme afirma Greimas (1976, p.128), tornando possível estabelecer instâncias coletivas e instâncias individuais.

Rebeca Rubio, em seu texto *Finanzas sacras em santuários de Ísis y Serapis*, contribui para o entendimento de como era a dinâmica econômica dos santuários de Ísis e Serapis em período do Império Romano, devido a estes locais se apresentarem com riqueza de elementos arrecadados, seja por meio de taxas ou através de oferendas. Segundo a autora, inclusive a difusão do culto, tratada anteriormente, estava relacionada às atividades econômicas deles, de modo que sua propagação em uma cidade, desde o princípio até a consolidação, “era diretamente proporcional, não só ao número de fiéis que se intencionava atrair, como, sobretudo, a quantidade de oferendas e contribuições que estes estariam dispostos a doar para seus deuses” (RUBIO,1999, p. 206).

---

(EPRO39) ,Leiden,p. 166-167, 1975.

De acordo com a pesquisadora, um dos indícios atribuídos à sustentabilidade da propaganda Isíaca é o elemento econômico, tendo em vista a forte relação entre a expansão do culto e o estabelecimento/fundação de comércios e mercados.

Os contatos estabelecidos e a forte influência econômica por eles proporcionada são caminhos para a introdução e disseminação dos cultos. Trazendo nosso pensamento para o Porto do Pireu, onde a transitoriedade entre metecos e atenienses era constante; possibilitando atrelar à propaganda isíaca no final do V século e início do IV AEC, visto que conforme exploramos anteriormente, nessa temporalidade a chegada de estrangeiros para suprirem a falta de mão de obra, era incentivada. Com isso seria possível desenvolver diante o caráter econômico a certeza de ganhos por parte dos estrangeiros, somando quantias que possibilitavam certo *status* e poder aquisitivo, e ainda fundamentando a constância do contato e relação entre quem habitava o Pireu com quem habitava a Ágora, tal qual podemos perceber na conversa entre Sócrates e um comerciante do Pireu, no texto de *A república*, de Platão.

Robert Garland, ao propor um estudo aprofundado sobre o porto do Pireu, trata do fornecimento de direitos a espaços de terra a estrangeiros, o que promove um aumento de população. O autor trata da ação de *enktêsis* levando em conta a atribuição aos metecos para o estabelecimento de santuários no Pireu e do processo relativo a ações judiciais marítimas, em 350 AEC para o benefício dos comerciantes do exterior. O autor supõe que estas medidas resultaram em um aumento considerável na população meteca em Atenas (GARLAND,1992, p. 62).

Prosseguindo com as produções historiográficas sobre as inter-relações e representações de Ísis, Fortes e Paez (1996, p. 176), por sua vez, direcionam suas pesquisas aos achados arqueológicos relacionados a Ísis na região da Bética.<sup>61</sup> Em meio

---

<sup>61</sup>Bética foi uma das três províncias romanas na Hispânia, região que corresponde à moderna Península

a alguns epítetos da divindade, os pesquisadores fazem menção a um inédito, “Bulsae”.

Na tentativa de esclarecer o significado, os autores chegam à hipótese de que poderia ser relacionado ao termo grego *boús*, por causa de algumas representações de Ísis com chifres de vaca. Concomitantemente a diversas possibilidades de esclarecimento do significado do epíteto, Fortes e Paez ainda apresentam características que relacionam a divindade à água, tendo em vista a recorrência da presença de fontes próximas aos seus locais de culto, inclusive a referência epigráfica trabalhada pelos pesquisadores, tratando da construção de uma fonte em latim “*fontem*” a *Ísis Bulsae*.

Ainda sob os aspectos arqueológicos, Elisabeth Walters (1988) desenvolve seu trabalho sobre os relevos Áticos de Ísis<sup>62</sup> com o intuito de perceber na cultura material fundamentação da significação dos objetos. Walters (1988, p. 1) afirma em sua pesquisa que o culto se desenvolve em período Helenístico tendo seu apogeu em período imperial romano até o terceiro séc. AEC. Apreciando-se a relevância das evidências arqueológicas sobre os relevos dedicados a “Ísis”, monumentos considerados sagrados e suas inscrições fornecem base para identificar “status das pessoas nomeadas, e finalmente, os seus respectivos papéis no culto de Ísis em Atenas” (WALTERS, 1988, p. 3).

A partir do debate apresentado até o momento neste artigo, é possível compreendemos que há uma vasta historiografia<sup>63</sup> produzida a propósito da divindade Ísis, no entanto, também foi possível perceber que o recorte temporal escolhido pela

---

Ibérica.

<sup>62</sup> Nossa proposta de pesquisa desenvolvida através do Programa de Pós Graduação em História Comparada detém proximidades com a pesquisa de Elisabeth Waters, visto que nos propomos a analisar através da cultura material a inserção do culto em Atenas, e a identidade de suas devotas.

<sup>63</sup>Bricault(1997);Dow(1937); Tobin(1991).

maioria dos pesquisadores abrange períodos posteriores ao século IV AEC, e a maioria prioriza regiões sob a influência romana, devido a maior possibilidade de acesso documental e o seu respectivo quantitativo.<sup>64</sup>

Em contrapartida, é possível, de fato, perceber uma escassez de produção historiográfica para o recorte espaço-temporal a que nos propomos que afirma o estabelecimento do culto em Atenas em finais do V século AEC em diante, o que se tornou singular em nossa pesquisa, pois procuramos fomentar e desenvolver estudos sobre o culto entre os atenienses.

Nesse sentido, compreender a divulgação e aproximação do culto à deusa Ísis através de seus atributos, relacionados com outras divindades e as virtudes de seus devotos, possibilitou a observação de uma gradativa e eficiente *infiltração* do culto em torno do *imaginário social* da polis dos atenienses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Jaime Ezquerro. Dependencias Reales e Imaginarias em El mito y em el culto de Ísis. Universidad de Huelva, *ARYS*, 3, p. 177-189, 2000.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: LEACH, Edmund; et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997

COULON, Laurent. *Les Forms D'Ísis à Karnak à Travers la Prosopographie Sacerdotale de L' époque Ptolémaïque* In: *Isis on the Nile: Egyptian Gods in Hellenistic and Roman Egypt: Proceedings of the IVth International Conference of Isis Studies*, BRILL, Liège, 2010

DUNAND, F. *Isis Mère des Dieux*. *Actes Sud*, Babel, oct. 2008.

---

<sup>64</sup> A cultura material representando Ísis em período Romano é abundante, como vemos em relevos, estátuas.

- FORTES, J.; PAEZ, R. Nuevos aspectos Del culto Isíaco em La Baetica, *SPAL*, 5, p. 171-196, 1996.
- FILKELBERG, Margalit. Virtue and Circumstances: On the City-State Concept of *Arete*. *American Journal of Philology*. Volume 123, Spring 2002 pp. 35-49
- GARLAND, Robert. *Introducing new gods: the politics of athenian religion*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.
- HEYOB, Sharon Kelly. *The Cult of Isis among woman in the Graeco-Roman World*. Leiden: Brill Archive, 1975.
- KRAEMER, Ross Shepard. *Her Share of the Blessings: Women's Religions among Pagans, Jews, and Christians in the Greco-Roman World*. Oxford, USA, 1992.
- MURIEL, Carlos Espejo-Grécia: *Sobre lós ritos y las fiestas*. Universidad de Granada, 1990
- PACHIS, Panayotis. *Religion and Politics in the Graeco-Roman World: Redescriving the Isis-Sarapis Cult, Thessaloniki*. London: Barbounakis Publications, 2010.
- PLACIDO, D. *Isis, la oligarquía ateniense y las tradiciones aticas*, *MHA* 5, p. 249-52, 1981.
- RUBIO, Rebeca. Finanzas sacras en santuários de Ísis e Serápis. *Arys*, 2, p. 205-214, 1999.
- VENIT, Marjorie S. *Referencing Isis in Tombs of Graeco-Roman Egypt: Tradition and Innovation*. In: *Isis on the Nile: Egyptian Gods in Hellenistic and Roman Egypt: Proceedings of the IVth International Conference of Isis Studies*, BRILL, Liège, 2010
- VERSNEL, H. S. *Inconsistencies in Greek and Roman Religion. 1, Terminus: Isis, Dionysos, Hermes, Three Studies in Henotheism*, Leiden: Brill, 1990.
- WALTERS, Elizabeth J. *Attic Grave Reliefs That Represent Women in the Dress of Isis*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1988.